



“Um Assobio No Escuro” não é só a história de uma família, nem de uns irlandeses atrasados num mundo moderno: é uma história de toda a gente e de todos os tempos

RUI MATEUS

As boas intenções

“Um Assobio no Escuro”, violenta e exemplar peça de Tom Murphy, é uma dramatização das circunstâncias em que as melhores intenções são dinamitadas por aquilo que as bloqueia

TEXTO JOÃO CARNEIRO

UM ASSOPIO NO ESCURO

De Tom Murphy

Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada, até 10 de maio

Michael e Betty estão agitados e discutem. O pai e o irmão mais novo de Michael estão para chegar, vêm da Irlanda e vão lá para casa, onde já vivem os outros irmãos. É muita gente. É muito trabalho. É uma desorganização. É muitas outras coisas. “São meus irmãos, é minha obrigação. É a nossa família. Um bocado descontrolados. Nunca tiveram uma oportunidade. Eles vão mudar”, diz Michael. “O teu pai é que é o mais velho. Então e a tua obrigação para comigo? Agora és casado, sabias?...eu casei foi contigo, não foi com os teus irmãos”, responde Betty.

Muito daquilo que se passa na peça decorre do que está dito e implícito neste curto diálogo. Michael é o mais velho dos cinco irmãos Carney. Michael foi o único que, emigrando para a Inglaterra, procurou ter um emprego e uma casa; casou com uma mulher inglesa. Michael deixou uma Irlanda pouco industrializada para viver numa Inglaterra moderna. Michael tentou deixar uma família que é um clã e que vive dentro de uma ordem tribal em decadência. Os irmãos de Michael estão em Coventry, em casa de Michael, mas transportam com eles uma maneira de viver que em nada se coaduna com a organização inglesa que Michael quis adotar. São violentos, desordeiros, totalmente desorganizados, linguisticamente inarticulados. Na ordem social

britânica, burguesa e industrial, e para a mulher de Michael, Harry, Iggy e Hugo são uns selvagens, que transportaram para a sua casa um modo de vida que não contempla divisões do espaço doméstico, nem regras de sociabilidade, nem normas de respeito. Tratam a cunhada a pontapé, e tentam até dormir com ela. Bebem sem controlo. São incapazes de um enquadramento mínimo numa qualquer grelha laboral, mas invocam uma espécie de orgulho ligado ao clã e ao nome.

Harry tem umas miúdas a render, e Iggy trafica e explora trabalhadores numa obra. Hugo é praticamente inexistente. As competências linguísticas dos rapazes Carney, à exceção de Michael, correspondem, no melhor dos casos, a conjuntos de frases elementares e mal verbalizadas. Para manter a honra do clã, o único valor que conhecem, recorrem à luta e à violência, as ferramentas de que dispõem.

A chegada do pai e do irmão precipita os acontecimentos. “O Des ainda é novo. Ainda podia chegar a... algum lado. Nós... nós todos... bom, sem dar mais voltas, a gente não conta para nada”: nesta altura, Michael verbaliza a outra parte dos problemas. Sim, ele teve esperança numa mudança, não só para ele, como para o irmão mais novo, que nunca foi a Inglaterra, e que devia talvez, até, regressar à Irlanda — mas isso é ainda uma outra questão. Simplesmente, Michael

está numa espécie de impasse, de beco sem saída. Ir para Inglaterra quer dizer mudar de vida. Mas os irmãos, a família, são ainda uma força estranhamente poderosa.

Nada de bom pode vir dali, mas não se muda sempre como se quer. “Podia ter-me safado há que tempos, mas quem é que ia ficar com eles? Quem é que se preocupava? Ele não”, acaba por dizer. “Ele” é o pai, e de facto, as preocupações do pai, um desempregado que depende totalmente dos filhos, são outras; vive num passado nebuloso que já ninguém sabe bem o que era, mas que agarra as pessoas com a força destrutiva de todos os fantasmas. Inevitavelmente, tudo corre mal.

“Um Assobio No Escuro”, que estreou em Londres em 1961, é uma história de fuga ao passado, dinamitada pela persistência de modelos, de valores, de sentimentos e de mecanismos que envenenam qualquer tentativa de fuga, que envenenam as melhores intenções; mas a peça não é só a história dos Carneys, nem de uns irlandeses atrasados num mundo moderno. É uma história, efetivamente, de toda a gente e de todos os tempos.

Encenação de Rodrigo Francisco, cenário e figurinos de Dino Alves, tradução de Lourenço Macedo, interpretação de Adriano Carvalho, Duarte Guimarães, Erica Rodrigues, Guilherme Nini, José Redondo, Ruben Gomes, João Jesus e Pedro Walter. ●